



## FILOSOFIA DA SAGACIDADE: contribuições para o ensino da filosofia e discussão da questão étnico-racial

Raul Ié<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Juiz de Fora, programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas, Juiz de Fora, MG, Brasil.*

Priscila da Silva Lima<sup>2</sup>

*Universidade Federal de Juiz de Fora, programa de pós-graduação em educação, Faculdade de Educação (FACED), Juiz de Fora, MG, Brasil.*

Taynan Mayara de Oliveira Lino<sup>3</sup>

*Empresa YNOS Informática Ltda e Empresária na Agência Sou Nós Viagens e Turismo, Juiz de Fora, MG, Brasil.*

Gicele Aparecida da Silva Brittes<sup>4</sup>

*Rede Pública de Educação de Minas Gerais, Juiz de Fora, MG, Brasil.*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar a filosofia da sagacidade e sua contribuição para o ensino e discussão da questão étnico-racial. A filosofia da sagacidade é uma análise e consideração reflexiva do pensamento de africanos conhecidos como

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências Sociais (Universidade Federal de Juiz de Fora), Mestre em Ciências Sociais (Universidade Federal de Juiz de Fora), Especialista em Educação pelo Claretiano - Centro Universitário, Bacharel em Direito (Faculdades Integradas Claretianas), Rio Claro, SP, Brasil. Instituição de origem: Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [raiguine@gmail.com](mailto:raiguine@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7689-7436>

<sup>2</sup> Mestranda em Educação (Universidade Federal de Juiz de Fora), graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES/JF (2011). Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal. Fluminense - UFF (2016) e em Gestão do Trabalho Pedagógico (Supervisão, Orientação, Inspeção e Administração) pela Faculdade FAVENI (2020). É professora efetiva da Escola Estadual Teodorico Ribeiro de Assis. Exerce a docência em turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Desde 2013 nas escolas em que leciona, desenvolve projetos de trabalho com foco na implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08 que abordam a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nas escolas de educação básica. E-mail: [limaembalomatheus@gmail.com](mailto:limaembalomatheus@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8590-8887>

<sup>3</sup> Bacharel em Administração (Universidade Federal de Juiz de Fora). Especialista em Administração de pessoas pela SOCIEDADE EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI S/S LTDA CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI - UNIASSELVI, Técnica em Guia de Turismo pelo Instituto Federal do Sudeste de Minas - Campus Santos Dumont. E-mail: [taynanlino@gmail.com](mailto:taynanlino@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8957-0583>

<sup>4</sup> Mestrado em Programa de Ambiente Construído (Universidade Federal de Juiz de Fora), graduação em Administração de Empresas pela Fundação Educacional São José. Licenciada em Matemática pela Faculdade Unifran. Especialista em Educação matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora, E-mail: [gicelebrittes77@gmail.com](mailto:gicelebrittes77@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5350-4403>



guardiões da sabedoria, conhecimento e pensamento crítico rigoroso. Neste caso, não envolve costumes, cosmovisões gerais, mitos e contos populares. Esta filosofia surgiu a partir da reação de Oruka, diante da posição que os europeus adotaram sobre a África, isto é, os africanos não são capazes de refletir em termos filosóficos. Neste quadro, a filosofia sábia visa repudiar essa crença. Embora o trabalho apresenta algumas tendências da filosofia africana, problematiza a filosofia da sagacidade e sua contribuição para a educação. Assim, concluímos que a filosofia da sagacidade pode ser um dos instrumentos de resistência na afirmação do ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, contribuindo para um ambiente menos hostil ao ensino sobre África

**Palavras-Chave:** Filosofia africana; filosofia da sagacidade; educação; Oruka.

### **SAGACITY PHILOSOPHY: contributions to the teaching of philosophy and discussion of the ethnic-racial issue**

**Abstract:** This paper aims to analyze the sagacity philosophy and its contribution to the teaching and discussion of the ethnic-racial issue. The sagacity philosophy is a reflective analysis and consideration of the thinking of Africans known as guardians of wisdom, knowledge, and rigorous critical thinking. In this case, it does not involve customs, general worldviews, myths and folk tales. This philosophy arose from Oruka's reaction to the position that Europeans adopted on Africa, that is, Africans are not able to reflect in philosophical terms. In this framework, the sage philosophy aims to repudiate this belief. Although the work presents some tendencies of African philosophy, it problematizes the sagacity philosophy and its contribution to education. Thus, we conclude that the sagacity philosophy can be one of the instruments of resistance in the affirmation of the teaching of Afro-Brazilian culture in schools, contributing to a less hostile environment to teaching about Africa.

**Keywords:** African philosophy; sagacity philosophy; education; Oruka.

### **FILOSOFÍA DE LA SAGACIDAD: contribuciones a la enseñanza de la filosofía y discusión de la cuestión étnico-racial**

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la filosofía de la sagacidad y su contribución a la enseñanza y discusión de la cuestión étnico-racial. La filosofía de la sagacidad es un análisis reflexivo y una consideración del pensamiento de los africanos conocidos como guardianes de la sabiduría, el conocimiento y el pensamiento crítico riguroso. En este caso, no se trata de costumbres, cosmovisiones generales, mitos y cuentos populares. Esta filosofía surgió de la reacción de Oruka a la posición que los europeos adoptaron sobre África, es decir, los africanos no son capaces de reflexionar en términos filosóficos. En este marco, la filosofía de la sagacidad pretende repudiar esta creencia. Aunque la obra presenta algunas tendencias de la filosofía africana, problematiza la filosofía de la sagacidad y su contribución a la educación. Por lo tanto, concluimos que la filosofía de la sagacidad puede ser uno de los instrumentos de resistencia en la afirmación de la enseñanza de la cultura afrobrasileña en las escuelas, contribuyendo a un ambiente menos hostil para la enseñanza sobre África.

**Palabras-clave:** Filosofía africana; filosofía de la sagacidad; educación; Oruka.

### **PHILOSOPHIE DE LA SAGACITÉ: contributions à l’enseignement de la philosophie et discussion de la question ethnico- raciale**

**Résumé:** Cet article vise à analyser la philosophie de la sagacité et sa contribution à l’enseignement et à la discussion de la question ethnico- raciale. La philosophie de la sagacité est une analyse réflexive et une considération de la pensée des Africains connus comme les gardiens de la sagesse, de la connaissance et de la pensée critique rigoureuse. Dans ce cas, il ne s’agit pas de coutumes, de visions générales du monde, de mythes et de contes populaires. Cette philosophie est née de la réaction d’Oruka à la position adoptée par les Européens sur l’Afrique, c’est-à-dire que les Africains ne sont pas capables de réfléchir en termes philosophiques. Dans ce cadre, la philosophie de la sagacité vise à répudier cette croyance. Bien que l’ouvrage présente certaines tendances de la philosophie africaine, il problématise la philosophie de la sagacité et sa contribution à l’éducation. Ainsi, nous concluons que la philosophie de la sagacité peut être l’un des instruments de résistance dans l’affirmation de l’enseignement de la culture afro-brésilienne dans les écoles, contribuant à un environnement moins hostile à l’enseignement de l’Afrique.

**Mots-clés:** philosophie africaine; philosophie de la sagacité; éducation; Oruka.

### **INTRODUÇÃO**

A filosofia africana se consolidou entre a década de 1960 a 1980, a partir dos debates dos africanos, afrodescendentes e contribuições dos missionários europeus que residiram na África durante longo período de suas missões naquele continente. A filosofia africana pode ser conceituada como investigação reflexiva sobre os problemas e fenômenos ou fatos extraordinários da realidade africana e afrodescendente (Ser), produção de explicações sistemáticas e respostas sobre esses problemas e fatos. Abrange teorias africanas sobre a realidade do Universo com as seguintes ênfases: Deus, deuses, espaço, tempo, sociedade, ancestrais, céu, crenças, instituições, concepções, praticas, reencarnação, vida, vida após a morte etc. (JAJA, 2014, p. 11).

A *Sage Philosophy* (a filosofia sábia) ou a filosofia da sagacidade<sup>5</sup>, vertente que propomos discutir neste trabalho, é uma forma nítida de pensamento com base na

---

<sup>5</sup> Na sagacidade existe a habilidade de encontrar os caminhos mais primorosos para rastrear a verdade. Se a lógica relaciona com a estrutura do pensamento, a sagacidade lida com a substância. A sagacidade é um dom supernatural para apreciar interinamente a forma e “o lugar” onde se pode encontrar a verdade. Essa apreciação interina possui como finalidade encontrar o que se busca. Por exemplo, uma certeza que se busca. A sagacidade possui o papel examinador que relaciona de maneira próxima com a ciência. A relação



sabedoria que é reflexos de um indivíduo (neste caso não inclui toda a comunidade). Este indivíduo é tanto sábio quanto pensador reconhecido como tal pela comunidade, pois conhece as tradições de seu povo. O indivíduo tido como sábio é aquele que faz reflexões filosóficas de forma racional e crítica, com habilidade de idealizar alternativas originais e criar caminhos que proponham a melhor forma de solucionar ou de relacionar-se com os fatos, ou proponham as práticas comumente aceitas. Os sábios superam o conhecimento comum, e são tidos como representantes da verdadeira opinião de sua cultura e costumes. Na filosofia da sagacidade, os filósofos africanos entendem que o estudo da filosofia não se limita às obras filosóficas, pois é preciso identificar os indivíduos que transcendem a esfera do conhecimento comum com suas sabedorias (BURGOS, 2016, p. 9).

No que tange às abordagens sobre existência de sábios na África tradicional, fica claro que são dois tipos: sábios populares e sábios filósofos. De fato, esses dois tipos de sábios são destacados em conhecimento cultural tradicional, contudo, cada um distingue-se por sua atitude em relação a esse conhecimento. O sábio popular adota a posição da primeira ordem, isto é, o pensamento cultural, suas reflexões nunca superam os limites tradicionais. Por outro lado, o sábio filosófico adere à atitude da segunda ordem, ele consegue colocar-se acima do pensamento cultural e fazer uma análise independente e crítica e consagra-se somente aos aspectos que rejubilem suas escolhas racionais (KALUMBA, 2004, p. 277).

Diante do exposto, e por saber que a filosofia da sagacidade pode contribuir na educação e discussão da questão étnico-racial, apresentamos a seguinte questão de pesquisa: quais as contribuições da filosofia da sagacidade para o ensino da filosofia e discussão da questão étnico-racial? Considerando o nosso objetivo básico de analisar a filosofia da sagacidade e sua reflexão para educação.

Esta pesquisa justifica-se por tratar-se de filosofia da sagacidade, um empreendimento mental que chega a sua verdade através de um caminho logicamente designado e inteligível na discussão com os sábios. Um sábio negro é geralmente um guardião dos costumes e tradições de seu povo. A sagacidade filosófica é o reflexo de um indivíduo que é tanto sábio quanto pensador. Uma pessoa pode ser um sábio e não um pensador, este seria um sábio comum, enquanto aquele que é sábio e pensador é um sábio

---

com essa última é o motivo pelo qual podemos afirmar que a sagacidade pode ser encontrada na lógica como uma etapa da doutrina do método (CAIMI, 2013, p. 89).



filósofo como já elucidamos (IRABOR, 2020, p. 6). Um sábio no sentido filosófico preocupa-se com questões éticas e empíricas fundamentais e que são relevantes ao seu povo. Este tipo de sábio possui capacidade de proporcionar soluções perspicazes para algumas dessas questões dentro da comunidade (ORUKA, 1990, p. xviii).

A contribuição desta pesquisa dar-se-á devido ao fato de analisarmos a filosofia da sagacidade e suas reflexões para o ensino da filosofia e discussão da questão étnico-racial. O negro não pode readquirir sua dignidade diante das outras raças e contribuir para a civilização e o avanço da humanidade, ignorando inteiramente o seu próprio passado e tradição. Também não deve abandonar a ciência e a lógica no sentido ocidental como realidades que não são do negro, ou seja, as duas coisas devem ser conciliadas. E, ainda, por meio da filosofia africana, denunciar o preconceito racial e solicitar a incorporação das leis que tratam da inclusão da história quanto da cultura do negro, como por exemplo: a Lei 10.639/03, que sustenta a necessidade de inclusão obrigatória da cultura afro-brasileiro e africana no currículo nacional (DE OLIVEIRA, 2023, p.179).

Em seguida, discutimos a filosofia africana com bases nas diversas vertentes e pensamentos filosóficos, em especial a vertente da *Sage Philosophy* de Henry Odera Oruka e os seus seguidores que defendem que existe sábios e pensadores negros que são filósofos e podem contribuir através das entrevistas dos filósofos profissionais partindo das questões filosóficas selecionadas. O trabalho está estruturado de seguinte forma: a necessidade de ter conhecimento sobre as principais vertentes da filosofia africana, a reflexão sobre a filosofia da sagacidade e a contribuição da filosofia da sagacidade para a pesquisa em educação, na discussão da questão étnico-racial, particularmente negra.

### AS PRINCIPAIS VERTENTES DA FILOSOFIA AFRICANA

O conhecimento da História Africana e Afrodescendente é uma das prioridades no estudo da filosofia africana. Deve ficar claro que o uso do termo “África” ou “Africano” não se limita ao seu significado geográfico. Melhor dizendo, para a nossa finalidade, “africanos” são pessoas que nasceram e habitam na África e os negros da diáspora (MKHWANAZI, 2019, p.1). Ainda deve ser esclarecido que a partir da nossa pesquisa, percebemos que a origem tardia da Filosofia Africana diante de um processo complexo, isto é, o desafio imposto pelo conhecimento ocidental na África causou, por



longos anos, a busca de “um raciocínio absurdo” dos negros na Filosofia Africana. Esta situação que está associada ao colonialismo epistêmico europeu desencadeou durante o século XX respostas dos negros sob a forma de projetos de pesquisa que visavam demonstrar a especificidade africana e afrodescendente. Mas, é claro, essas ambições dos negros não foram acolhidas com gentileza.

Por exemplo, o antropólogo francês Jean-Loup Amselle buscava a melhor forma de derrotar de maneira sistemática as mais proeminentes intenções dos intelectuais negros e, em seguida, declarar a impossibilidade de uma ciência social ou uma filosofia genuinamente africana. A partir daquele momento a filosofia africana começou a enfrentar os desafios dos ocidentais. Em certo momento o pensamento filosófico africano é tido como racista, e em outros momentos é considerado o “cavalo de Tróia”, sem essência real e corre o risco de ser uma ideologia vazia (AJARI, et al., 2015, p. 116).

A resistência no início e durante o desenvolvimento da filosofia africana parece que não está na questão de algo que satisfaça juízo crítico de ser “africana” ou “filosófica”, o problema reside no fato de que – até que ponto os “filósofos africanos” possuem a capacidade de usar suas reflexões no serviço da luta pelo continente africano? Em outros termos, o Ocidente não está interessado com a existência dos filósofos na África, ou uma filosofia genuinamente africana, nem quer saber se o que estão fazendo na África é uma filosofia pura, a etnofilosofia, filosofia aplicada, crítica social etc. Entretanto, querem introduzir a dúvida no próprio negro com o levantamento da referida indagação (HIGGS, 2003, p.3).

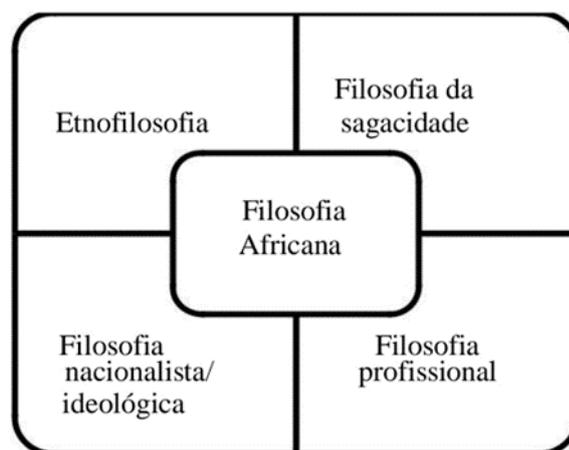
Vale destacar que durante esse ataque do Ocidente os filósofos africanos e afrodescendentes persistiram com suas visões para o desenvolvimento da Filosofia Africana. Por exemplo, Henry Odera Orika, que foi intensamente persistente na organização das vertentes da Filosofia Africana quando introduziu a Filosofia da Sagacidade. Na discussão em seu artigo excepcional de 1978, que, para Barry Hallen, possivelmente deve ser considerado a primeira expressão séria na história da filosofia africana dos países africanos da colônia inglesa, Orika apresenta quatro tendências, “escolas”, ou abordagens à filosofia africana: i) etnofilosofia – dialogada por Tempels (1959); Griaule (1965); Mbiti (1969), filósofos que tentam reconstruir uma visão de mundo indígena ou bantu tradicional (HALLEN, 2004, p. 124); ii) a filosofia da sagacidade – introduzida pelo próprio Orika (1978), que está baseada na ideia de sábios africanos que entendem os problemas filosóficos selecionados. A filosofia da sagacidade



não encoraja olhar para as cosmovisões gerais, crenças de um povo, costumes e contos populares, ela deriva do pensamento de pessoas sábias (HAPANYENGWICHEMHURU, 2013, p.45); iii) filosofia nacionalista-ideológica – que inclui os pensadores sociopolíticos africanos como Fanon, Nkrumah, Nyerere, Senghor, que debateram sobre a política da reconstrução social, cultural e econômica dos países africanos depois do colonialismo econômico; e iv) filosofia profissional – que Oruka classifica como categoria que pertence à tradição acadêmica ocidental ortodoxa, sustentada por Bodunrin (1975; 1981) e Hountondji (1983), ou seja, estudantes e professores de filosofia na África com formação profissional.

É importante frisar que Oruka<sup>6</sup> posteriormente redefiniu as tendências da filosofia africana quando acrescentou dois conceitos dentro de suas categorias: a filosofia literária/artística, que teve como representantes Thiongo (1996) Soyinka (1988); Achebe (1974; 1988); P'Bitek (1996) e Liyong (1997); e a filosofia hermenêutica, sustentada por Wiredu (1972; 1995); Gyekye (1975); Hallen (1977); Sodipo (1973) (Hallen, 2004, p. 124). Porém, neste subtítulo, limitamos as quatro tendências como constam na Figura 1, ilustrada a seguir. Também apresentamos, de forma resumida, as outras vertentes que Oruka não mencionou, tais como: a Africanidade e Ubuntu.

**Figura 1:** Vertentes da filosofia africana



Fonte: Mkhwanazi (2019), do original em inglês, tradução nossa<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Filósofo nairóbio Odera Oruka usou uma classificação quádrupla, como já demonstramos, mas essa classificação foi sistematizada na língua inglesa, podendo não ser muito bem inserida, tanto na língua francesa quanto na portuguesa. Embora é uma tendência bastante conhecida, mas sempre resulta em controvérsias vivas (MKHWANAZI, 2019, p.28).

<sup>7</sup> (MKHWANAZI, 2019, p.29).



A primeira “tendência” na classificação de Odera Oruka, filósofo africano, é a etnofilosofia africana. Esta abordagem abrange tanto a escrita quanto o pensamento doutrinário da cultura africana. As reflexões da origem negra não eram escritas nem sistematizadas, porém são de diversas fontes, ditos, mitos, exposições artísticas etc. Com base nessas reflexões, os etnofilósofos podem escrever livros esclarecendo o que está por trás desse pensamento africano. Aqui é fundamental citar três trabalhos que se tornaram clássicos da etnofilosofia africana. A obra de Tempels – intitulada *Filosofia Bantu*<sup>8</sup> –, o trabalho de Senghor<sup>9</sup> – conhecido por *Socialismo Africano* – e o livro de Mbiti - *As Religiões Tradicionais Africanas e a Filosofia* –, são clássicos da etnofilosofia (KALUMBA, 2022, p. 49). Todos esses trabalhos visam provar que já existia um sistema lógico e abstrato do pensamento africano antes da dominação dos imperialistas europeus (Ibidem, p. 50), com o objetivo de confirmar a exatidão do projeto da etnofilosofia, que tinha como intuito apresentar uma forma de ontologia que é puramente africana, ou seja, que partiu dos seus próprios provérbios, mitos e suas linguagens. O filósofo africano Hountondji usou o termo etnofilosofia para definir o discurso com base em três teses: a) existência de visões de mundo extensamente comunicado entre os negros; b) a visão do mundo se integra na filosofia; e c) a filosofia precisa ser discutida e amplamente difundida em todo o continente africano (AJARI, et al., 2015, p.118; MKHWANAZI, 2019, p. 28).

Por intermédio de Kalumba (2022), é compreensível que os filósofos africanos que estavam interessados em comprovar que a reflexão dos seus pensamentos genuínos pode contribuir na arena filosófica usaram os interlocutores bastantes afastados da influência da colônia:

[...] os autores, embora são treinados no Ocidente, insistiram em utilizar apenas os interlocutores suficientemente isolados da influência ocidental. Podemos apontar que o Yoruba Onisegun (mestres tradicionais da medicina), nos quais suas sistematizações são baseadas, não são “tocados ou influenciados por uma atitude ou perspectiva ‘científica’”. Uma vez que nenhum desses onisegun teve qualquer educação formal ou falava a língua inglesa, Hallen e Sodipo concluíram que “não há via significativa por meio da qual a influência [ocidental] pudesse ter sido transmitida [a eles]”. O objetivo primordial dessas duas sistematizações é mostrar que havia pensamento lógico ou abstrato africano pré-colonial. E, assim, como resultado de suas extensas entrevistas com Ogotemmel, a quem ele

---

<sup>8</sup> Tempels, nativo de Bélgica, que pertencia ao grupo dos missionários franciscano em Congo, em sua filosofia pretendia facilitar a colonização e evangelização do continente africano. Trabalhou para esclarecer a complexidade da mentalidade dos nativos africanos, especialmente a sua compatibilidade com a revelação cristã (AJARI, et al., 2015, p. 118).

<sup>9</sup> Senghor foi colocado nesse grupo dos etnofilósofos, por causa do seu livro, que foi classificado como etnofilósofo, porém, Senghor é sempre tido como filósofo nacionalista ideológico.



descreve como “dotados de inteligência excepcional (...) e uma sabedoria cuja fama se espalhou por sua comunidade” (KALUMBA, 2022, p. 50).

A percepção do pensamento abstratos entre os sábios africanos tradicionais, que resultou na *Sage Philosophy*, também, foi vista como insuficiente por alguns africanos, para sustentar a ideia de que os pensadores tradicionais desse continente atuam no mesmo nível de distinção intelectual que os seus equivalentes no Ocidente. Contudo, existem os teóricos que sustentam essa ideia, como Robin Horton, a quem Kalumba atribui a seguinte afirmação – existe uma equivalência clara entre os pensadores tradicionais e os cientistas Ocidentais, visto que ambos pensadores visam explicar o mundo invisível na base do mundo visível.

Os pensadores tradicionais africanos fazem explicações sob ações de deuses e espíritos, e os cientistas, com os auxílios das entidades teóricas como átomos e ondas. Assim, podemos afirmar que os dois grupos possuem elementos teóricos. Porém, quando se trata do comportamento relacionado com as respectivas crenças teóricas, Horton coloca diferença entre os pensadores tradicionais africanos e os cientistas ocidentais. Isto porque os pensadores tradicionais consideram os seus postulados teóricos como sistemas fechados e que devem ser reverenciados sem críticas, enquanto que os cientistas sujeitam os seus postulados teóricos a qualquer crítica (KALUMBA, 2004, p. 278).

Ainda na abordagem de Oruka, fica claro que além da *Sage Philosophy* e a etnofilosofia, a Filosofia Africana, também, abrange a filosofia nacionalista/ideológica, categoria que surgiu em decorrência da luta ideológica dos movimentos de libertação nacional. Os líderes nacionalistas engajaram veementemente na produção da filosofia política ou filosofias políticas. Apresentavam suas ideias em panfletos, manifestações, programas políticos e outros escritos. Também, criaram a filosofia da educação, cada um para o seu país de origem. Os pensadores desse movimento incluem Nkrumah (1978); com a ideologia da descolonização da consciência, Nyerere (1967), que introduziu o conceito de Ujamaa (“família”), educação para autoconfiança, educação para a libertação e educação vitalícia; e Senghor, que desenvolveu a filosofia da negritude, que valoriza características, valores e estéticas inatos e distintivos dos negros. A filosofia nacionalista/ideológica fundamenta-se numa nova teoria política, com base na família tradicional africana. Discute a libertação mental e a necessidade de volta à humanidade africana. Sua origem foi amplamente baseada na ideia de que a independência política



precisa estar atrelada à libertação total da mente (HAPANYENGWI-CHEMHURU, 2013, p. 47).

Léopold Sédar Senghor e Julius Kambarage Nyerere acham melhor considerar igualitarismo africano tradicional, sem classes de lutas ou dialética histórica sustentada pelo marxismo clássico. A ideia desse sistema tradicional foi sustentada pelo comunalismo. No entanto, Kwame Nkrumah prefere adotar a doutrina marxista, considerando a luta da independência africana como um movimento histórico que direciona à descoberta de si mesmo e ainda sustenta a ideia de renascimento. Também, defende a necessidade de trabalhar pela autossuficiência da África. A doutrina de conscienciismo é a maior e a mais importante contribuição da filosofia política africana. Conscienciismo circundava pensamento africano e o novo ser que surgiu a partir do impasse da África, que foi obrigada a adotar as estruturas de valores externos como cristianismo, islamismo e civilização ocidental. Fica claro que para esses pensadores, o passado não deve ser abraçado na sua totalidade, mas, também, não deve ser rejeitado totalmente. Dentro desse dilema, Nkrumah sustenta que é necessário o Conscienciismo, ou seja, uma atitude humanista para a construção da nova personalidade. Nyerere, por sua vez, achou melhor abandonar essa última ideia de Nkrumah e adorou o novo ponto de vista, o Socialismo Africano (AGADA, 2015, p. 399).

Considerando o ponto de vista de Odera Oruka previamente citado sobre a Filosofia Africana, podemos apontar a filosofia profissional, também conhecida por filosofia universalista. Esta categoria baseia-se no conjunto de textos de autoria africana e afrodescendentes, expostos como filosóficos pelos próprios escritores. É evidente que suas abordagens partem da própria experiência adquirida enquanto estudante de filosofia no Ocidente, como Bodunrin (1986), Wiredu (1980), Hountondji (1996) e Asouzu. Muitos entre esses filósofos estavam convencidos que a Filosofia Africana estava somente consolidando-se.

A dificuldade de aceitar a Filosofia Africana na sua gestação baseia-se no fato de que, enquanto estudavam no Ocidente, aprenderam que a filosofia está relacionada com a ciência e a modernização nos termos que África ainda não alcançou. Esses filósofos asseveram ainda que a filosofia, seja em qualquer lugar, deve ser diferenciada com a mitologia e a religião, em outras palavras, a filosofia fundamenta-se no uso da razão e no pensamento crítico, enquanto que a mitologia, o misticismo e a religião fundamentam-se na fé (HAPANYENGWI-CHEMHURU, 2013, p. 49).



Para esses pensadores, em todos os lugares a filosofia é marcada pelo rigor intelectual, e a perspicácia da individualidade e não surge de simples dados da cultura. Porém, esses pensadores se divergem em suas crenças. O Wiredu não se desligou com as raízes da etnofilosofia, sempre fala de forma artificiosa que a Filosofia Africana requer um fundamento e somente a filosofia pode construir os fundamentos da etnofilosofia. E quando Wiredu sentiu a urgência de contribuir para instalação deste fundamento, partiu para as suas raízes de origem, Akan, como os pensadores etnofilosóficos costumam fazer. O filósofo africano que permaneceu em sua posição da filosofia profissional e que era constantemente criterioso em suas críticas a etnofilosofia, foi Hountondji, mas, ao longo dessas suas críticas, produziu mais efeitos negativos do que positivo no campo da filosofia (AGADA, 2015, p. 391).

As narrativas históricas sobre a gestação da Filosofia Africana e seu desenvolvimento durante o século XX incluem a Africanidade. Durante a nossa pesquisa, percebemos que a africanidade refere-se à especificidade ou particularidade da Filosofia Africana. A Africanidade é a soma de características que singularizam a Filosofia Africana diante das Filosofias Ocidentais, Indianas ou Chinesas. A Africanidade abrange os fatores “geo-etno-tecnológicos”. Seus fatores estão relacionados com o conjunto dos seguintes elementos: tempo, acontecimento, lugar, pessoa, cultura, língua, doutrina, sistemas e métodos que são integrados na discussão filosófica. Verdadeiramente, existem vários fatores que tornam a filosofia o que a conceituam como tal.

No caso da Africanidade, Mkhwanazi (2019, p. 7) elucida que existem quatro fatores que podem auxiliar-nos na definição desta filosofia: a) um autor ou autores de origem ou natureza africana, cultura, ancestralidade, fisiologia, tribo e cor; b) espaço e tempo africano, nos quais a Filosofia Africana está seriamente produzida. A geotemporalidade africana trata-se de localização física dentro do próprio continente africano, ou por uma presença espacial ou que se estende a qualquer outro território onde o africano ou afrodescendente encontra-se; c) a edição ou expatriado autor que se tornou africano em virtude de uma lei civil, eclesiástica ou acadêmica que o habilita; e d) um africano naturalizado e que se tornou filósofo africano por preferências, atividades, pesquisas, doutrinas, literatura e identifica claramente sua produção com a Filosofia Africana.

Quando o assunto diz respeito à Africanidade, trata-se da memória de uma identidade por intermédio de expressão cultural. A cultura africana pode ser reconhecida



pelas características que, em vários casos, são comuns entre os povos africanos e afrodescendentes. Entre eles podemos destacar a comunidade como sujeito social que, também, existe como sujeito oral que faz crítica, elogio, grita e intercede. Nesse espaço concorrem dois níveis essenciais (os vivos e os ancestrais); a conversação entre os dois níveis se encontra no mundo sonoro, também, uma transcendência presente na comunicação com a vida após a morte (DE ARANZADI, 2018, p. 5).

Vale ressaltar que existe uma unidade cultural muito clara diante da aparência ilusória da heterogeneidade cultural entre diversos países e tribos da África, que fornece temática de um complexo de conhecimento africano. Então, o que existe na Filosofia Africana como complexo de conhecimento africano a ser discutida como uma experiência do ser distintamente africana ou afrodescendente? Para Higgs (2003), esse assunto diz respeito às experiências semelhantes que são discutidas como temáticas gerais da Filosofia Africana como comunalismo africano e a noção de “*ubuntu*”. Não podemos, de forma algum, subestimar o significado da comunidade para a vida africana tradicional, porque a comunidade e o pertencimento a uma comunidade dos povos africanos e afrodescendentes estabelecem o tecido da vida africana tradicional<sup>10</sup>

Na análise do termo *ubuntu* ficou claro que é uma palavra hifenizada, contudo, no nível ontológico é inseparável. Ubuntu compreende o prefixo *ubu* – e a raiz *ntu*. *Ubu* possui a ideia de existência em geral. Envolve algo que existe antes de manifestar-se na sua forma concreta ou na forma de existir como algo particular. Já que envolve o ser, também, aponta para a manifestação concreta mediante formas e modos particulares, contudo, sempre precisa de *utu* para orientar-se. Em outras palavras, *ubu* precisa de *ntu* para ter significado (RAMOSE, 2004, p. 149). Também é fundamental esclarecer que o conteúdo ético de *ubuntu* na comunidade africana tradicional aponta para a interdependência entre as pessoas. A moral africana tradicional é conhecida pelos interesses que possui, ou seja, o bem-estar humano, deste modo, “*ubuntu*” quer dizer humanidade. Também é certo de que é na comunidade que uma pessoa se torna humana

---

<sup>10</sup> Diferentemente da ideia liberal ocidental do indivíduo, que existe como uma espécie de instituto que vive e desenvolve sozinho, sem ter uma conexão com qualquer comunidade de outras pessoas, não cultiva relações biológicas, culturais, políticas e socioeconômicas, não possui obrigações e responsabilidades com a comunidade, ou convenções com comunidade de indivíduos. Porém, nas comunidades africanas, tudo o que acontece com indivíduo atinge todo o grupo da comunidade, qualquer fato que acontece com todo o grupo da comunidade acontece com indivíduo. Qualquer pessoa da comunidade só pode afirmar de forma categórica: “eu sou, porque todos podem dizer que nós somos; e se nós somos, então eu sou”.



e não nas qualidades estáticas isoladas, baseadas na racionalidade da vontade, como faz-se no Ocidente (HIGGS, 2003, p. 4).

### A REFLEXÃO SOBRE A FILOSOFIA DA SAGACIDADE

A forma como a África foi dominada e explorada pelos colonizadores, isto é, desde a escravidão até a formação de estruturas socioeconômicas durante a permanência dos imperialistas europeus, que se dedicaram às atividades de extração e exploração de matérias-primas em todo o continente africano, provocou desgastes naturais que permaneceram sólidos anos depois do fim do colonialismo imperial. Vale afirmar que o comportamento dos colonizadores desestruturou a africanidade em todas as estruturas, com adoção das filosofias educacionais, currículos e práticas que são das respectivas potências das colônias. Para restabelecer o sistema africano de conhecimento, precisamos de princípios humanísticos e éticos embutidos na Filosofia Africana, para que os africanos e afrodescendentes pudessem participar no curso das mudanças em todas as esferas, contribuindo com formas de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos como iguais<sup>11</sup> (HIGGS, 2003, p. 5).

A *Sage Philosophy*, que se concentra no conhecimento dos sábios tradicionais, desde a sua origem e durante a sua solidificação, demonstra em seu objetivo que o pensamento racional em suas várias formas é nativo da África. E a partir desse pensamento, os filósofos da vertente da filosofia da sagacidade fundamentaram os seus objetivos de duas maneiras. Por exemplo: Griaule, Hallen e Sodipo preferem estudar os sistemas de pensamento tradicionais, ocupando-se somente com os especialistas africanos que possuem pouca possibilidade de fraudar os elementos do contexto ocidental no seu dia a dia, em outras palavras, somente os sábios tradicionais. No entanto, Oruka procura os indícios de pensamento racional de segunda ordem entre os próprios africanos e que

---

<sup>11</sup> Aqui queremos deixar claro que Higgs (2003) dedicou seu estudo especificamente ao caso da África do Sul, que usava o mesmo curriculum na educação daquele país depois do apartheid. Possivelmente, já houve uma mudança no Curriculum da África do Sul. Porém, decidimos usar sua tese aqui no nosso trabalho, porque em muitos países da África ainda estão usando o curriculum do período da colonial. Por exemplo, até agora a Guiné-Bissau continua com o sistema da educação portuguesa. O problema aqui é que, desde epistemicídio efetuado pelos colonizadores nas epistemologias dos povos africanos, quando conquistaram o seu continente, atribuíram os seus conhecimentos em todas as arenas do saber. Assim, os paradigmas epistemológicos ocidentais continuam a persistir em toda a construção do conhecimento em muitos países da África. Desse modo, persiste colonialidade, pois quem possui a chave da construção do conhecimento também possui a chave do poder (RAMOSE, 2004, p. 141).



também não sofreram as influências da cultura ocidental, igualmente, são sábios tradicionais (KALUMBA, 2004, p. 279).

Vale destacar que a filosofia da sagacidade é o resultado da reação a um comportamento que se observa entre os europeus perante os negros, pois, no pensamento deles, a África não possui uma única pessoa capaz de filosofar como se faz no Ocidente. Oruka menciona um episódio entre Oginga Odinga e um certo europeu, em que este disse – “olha aqui, Odinga, você não foi criado para pensar, ou seja, o trabalho de pensar não está delegado a sua cabeça, você foi feito para receber ordens”. Assim, Oruka discute a *Sage Philosophy*, que possui como uma das finalidades desvalorizar as crenças e convicções dessa natureza europeia. Foi assim que ele partiu em busca de algo entre os negros, que é originalmente de africanos e afrodescendentes, que pudesse trazer contribuição à filosofia (ORUKA, 1997, p. 183; CASTIANO, 2010, p. 214).

Buscando as considerações teóricas sobre as raças, ficou claro que o pensamento ocidental condicionou profundamente o discurso racial e exaltou o homem branco, tanto é que, hoje em dia, os brancos colocam-se na posição mais elevada na categoria das raças. Não reconhecer os negros como seres inteiramente humanos parece que se tornou legítimo e justifica o porquê da escravidão e da colonização durante os séculos. Igualmente o comportamento das pessoas que conhecem muito bem a teoria da “antropologia física, que ligaram os traços da população negra à inferioridade devido à cor da pele escura e ao cabelo crespo e atribuíram à superioridade da população branca a pele clara, o cabelo liso e o rosto ortognato” (DE OLIVEIRA; DO NASCIMENTO, p. 189-190).

Uma reflexão em termos filosófica feita por Oruka conclui que a filosofia é um discurso que envolve teorias, lógica e um argumento autocritico. É uma expressão vivida e conservada pela escrita tradicional, apesar de a escrita não ser fator fundamental à filosofia. Esta rainha das ciências pode ser vista de maneira vasta em dois sentidos: i) Filosofia em termo geral, que não foi examinada numa pessoa ou numa comunidade sobre a vida, e ii) Filosofia como um julgamento crítico dessa perspectiva e um pensamento acerca das ideias e opiniões como espelho da realidade. Assim, não existe motivo que justifique a restrição da Filosofia Africana, ainda que fosse tradicional, ou que situe num ou no outro nível de ordem. Podemos afirmar que na África tradicional existem pessoas que consagram suas vidas à filosofia, mesmo sendo no nível da segunda ordem (ORUKA, 1987, p. 66).



Assim, recorrendo à entrevista, podemos registrar suas reflexões<sup>12</sup>, as quais, juntamente com as reflexões do filósofo profissional africano, formarão o verdadeiro pensamento africano. A finalidade dos filósofos da sagacidade é explicar que a escrita não é a única base para a reflexão e esclarecimento filosófico, é importante elucidar que na África existiram e ainda existem indivíduos que refletem de forma crítica e independente, que são racionais e possuem a lógica inata em seus pensamentos (BURGOS, 2016, p. 9). O Ocidente pode avançar muito nos campos da ciência e filosofia, devido a sua prática da escrita de longos anos, entretanto, a própria ciência quanto a filosofia não são uma reserva da Europa, mas apenas uma inovação feita.

Vale esclarecer que os sábios africanos tradicionais não escreveram suas reflexões, mas não são únicos, pois Tales e Sócrates não escreveram os seus pensamentos. De fato, conhecemos os ditos desses gregos por meio de outros filósofos, e nem sabemos se todos os detalhes dos seus discursos originais foram diminuídos ou acrescentados. Esta é a reivindicação da parte preliminar desta antologia, que a *Sage Philosophy* deve ser discutida como uma das tendências necessária para o desenvolvimento de reflexões filosóficas na África. Neste caso, temos dois aspectos: i) as reflexões de cada sábio que foram registradas são conselhos filosóficos que podem auxiliar na ponderação diante dos problemas da natureza e da vida das pessoas. Qualquer ser humano diante das inquietações e na busca das respostas ou auxílio sobre os assuntos relacionado à moralidade e à metafísica fundamental descobrirá que existe uma grande quantidade de materiais que são resultados do pensamento dos sábios; ii) os ditos dos sábios constituem informações brutas significativas para discursos técnicos filosóficos para os profissionais (ORUKA, 1990, p. xvii).

Um fato que deve ser levado em consideração no estudo é a questão de quem realmente é um “sábio” e como alguém deve entrar em contato e desenvolver o diálogo com o indivíduo tido como sábio? É importante lembrar que existe um comportamento geral – mesmo entre as pessoas doutas – que sustenta que um sábio é uma pessoa sábia

---

<sup>12</sup>No que diz respeito a entrevistas com os sábios, ainda existe uma enorme resistência entre os filósofos profissionais, pois desconfiam da oralidade como base para suas atividades filosóficas. Esse medo pode ser explicado de duas formas: primeiramente, porque foram treinados como profissionais de filosofia na base dos textos escritos e não nas tradições orais. Isso explica suas resistências em relação a esse primeiro motivo. Outro motivo é que temem ser atribuídos à categoria de new-etnofilósofos, o que parece ser desagradável. Os dois motivos somente esclarecem que os desafios para desatar os profissionais da filosofia africana do preconceito contra a oralidade vão durar por muitos anos. “O conforto de argumentar com textos escritos sobrepõe-se, hoje, ao desconforto de ter de aprender filosofia com um sábio que não foi à escola e que fala uma língua que o nosso filósofo profissional não domina” (CASTIANO, 2010, p. 215-6)



numa comunidade onde não existe educação formal ou num lugar tecnologicamente subdesenvolvido, cujos habitantes da comunidade dependem muito dos seus pensamentos para compreender os enigmas, maravilhas e abalos da vida. Também é preciso lembrar que um sábio não é um profeta, embora nada o impeça de ser profeta ou vice-versa, porém, os dois não são a mesma coisa. Também ninguém deve associar erroneamente a sagacidade tão-somente ao analfabetismo excluindo o fato de que o conceito da sagacidade pode ser aplicado a uma sociedade letrada (ORUKA, 1990, p. xvii).

### **A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA DA SAGACIDADE NA EDUCAÇÃO E NA DISCUSSÃO DA QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL, AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA**

O pensamento e a prática de alguns filósofos nacionalistas/ideológicos deram bons resultados na educação durante os longos anos da independência. Esses resultados positivos devem-se em consequência de que alguns desses filósofos ideológicos eram líderes políticos que decidiram criar programas educacionais para suas nações recém-independentes. Nesse momento, quem nos veio à memória como exemplo notável desta prática foi Julius Nyerere da Tanzânia, que usou a Declaração de *Arusha*, na qual exibiu seu pensamento educacional de autoconfiança e ideologia socialista africana. Nyerere durante sua vida dedicou-se com as suas ideologias a trabalhar em prol da educação na Tanzânia, porém, os filósofos da educação afrodescendentes e africanos podem levantar questões sobre os pontos de vista dos líderes nacionalistas, com a finalidade de entender suas teorias educacionais e analisar as limitações das ideias nelas contidas, com intuito de propor a direção da educação em todo o continente (HAPANYENGWI-CHEMHURU, 2013, p. 48).

É importante frisar que, em pleno século XXI, ainda existe um processo complexo, marcado pela influência da educação introduzida durante os anos da colonização da África. Assim, é importante refletir sobre as considerações dos sábios tradicionais africanos que são caracterizadas não apenas por uma preocupação apenas com a pessoa, mas, também, pelo entrelaçamento de linhas sociais, culturais, econômicas, políticas e educacionais em um tecido comum. Esta é a forma que a educação já se distinguia em sua essência tradicional na África. Vale afirmar que a educação no contexto tradicional africano não deve ser separada da *Sage Philosophy*, que fornece as reflexões



dos sábios tradicionais que podem ser usadas no acompanhamento do processo natural do aluno quando adquire de forma gradual habilidades, atitudes e conhecimentos harmoniosos à vida em sua comunidade, pois uma educação esclarecida no espírito da comunidade resulta no serviço à comunidade e no bem da humanidade (HIGGS, 2003, p. 5).

Para Waghid (2004), toda a filosofia da educação visa influenciar a educação, a fim de produzir os melhores resultados. No sentido aristotélico, educar é um exercício cultivado pelo ser humano, que informa sobre a maneira que as pessoas devem ser instruídas, como crescem em termos de capacidade, compreensão reflexão e cuidados para ter uma boa vida. Assim, por meio da filosofia “ocidental” da educação, as pessoas buscam entender e se esforçar para ter uma “boa vida”. Elas, também, cooperam-se para encontrar as formas comuns de inter-relacionarem-se com o meio onde vivem. Isto, igualmente, está presente na filosofia da educação afrodescendente, em outros termos, inclui cultivar nos educandos o bom senso, que visa cooperação mediante o relacionamento dentro da comunidade (WAGHID, 2004, p. 56).

A palavra educação deriva do latim "*educare*", que tem o sentido de “conduzir para fora” ou “extrair”. Em sentido amplo, a educação diz respeito ao ato ou à prática que possui resultado formativo no caráter ou capacidade física de um indivíduo (aluno). Assim sendo, a educação nunca termina, realmente, enquanto uma pessoa vive está sujeita à aprendizagem. A educação e a filosofia não se separam, ou seja, os fins da educação são os mesmos fins da filosofia, quer dizer, a sabedoria. Também, os meios dos dois são os mesmos, ou melhor, a investigação, que é um procedimento para chegar à sabedoria (SARAGIH, 2012, p. 1). Neste caso, entra a filosofia da sagacidade, na qual o conhecimento investigado entre os sábios tradicionais serve como meio para indagar e fazer o indivíduo refletir sobre o Ser e o mundo. Também é claro que a investigação pode ser inibida e frustrar a sabedoria se a educação for separada com a filosofia. E ainda precisamos entender que ação abrange tanto o mundo das ideias quanto o da atividade prática, e bons conceitos conduzem as boas práticas e estas reforçam aqueles.

Analisando o contexto da educação brasileira, percebemos que a prática escolar segue condicionantes sociopolíticas que dão origem a diferentes concepções de homens e de sociedade, que, por sua vez, resultam em diferentes pressupostos sobre o papel da escola, da aprendizagem e da relação professor-aluno (LIBÂNEO, 1995, p. 19). Também percebemos que toda a dificuldade de inserir a cultura afro-brasileira nas escolas, mesmo



diante da aplicação da Lei 10.639\03, pode ser um dos reflexos da negação do conhecimento africano reproduzido no interior da sociedade, que no Brasil pode ser dado a partir da relação currículo e sociabilidade.

Assim, um fato relevante a ser apontado é a voz africana e afrodescendente na educação desde o século XX até agora, pois é um grito da declaração radical da dor e do sofrimento por causa da desumanização causada pela arrogância da modernidade e a conspiração do silêncio das disciplinas acadêmicas em relação ao que é orgânico e vivo entre africanos e afrodescendentes. É a voz de “médicos feridos” diante da adversidade para refletir sobre o passado, enfrentar o presente e preparar para um futuro diferente. Esta voz apela à democracia ideal, para o direito de todos para “ser e existir”, viver sem opressão. E, partindo disso, encontrar direção para um ponto comum com os outros (HIGGS, 2003, p. 1).

No que tange ao comportamento de forma inteligente no processo educacional, é evidente que a educação necessita de direção e orientação, o que os filósofos sábios podem fornecer. Portanto, a filosofia da sagacidade não é uma simples ferramenta profissional para o educador, mas, também, um modo de superar as dificuldades que enfrentamos na vida, auxiliando na obtenção de uma perspectiva mais ampla e profunda da existência dos seres humanos e do mundo que nos circunda. A principal tarefa desta filosofia (a da sagacidade), também, é demonstrar o que constitui uma boa vida e isso relaciona com a educação, que possui como a principal tarefa fazer a vida valer a pena. Conseqüentemente, a educação e a *Sage Philosophy* são mutuamente reconstrutivas (SARAGIH, 2012, p. 1).

Fazendo as considerações habituais sobre os professores, é correto afirmar que possuem muitas habilidades ao se dedicarem nos seus trabalhos com os alunos, usando matéria, influenciando o ambiente etc., para fazer o ensino tornar-se uma realidade como se deseja. Cultivar essa prática requer firmeza, uma ação incessante, cada vez mais sólida, isto é, contemplar, refletir e decidir diante dos alunos. A característica de firmeza não tem sido discutida com frequência na literatura filosófica e na educacional e poucas vezes é tratada como uma virtude. Provavelmente porque a firmeza é fundamentalmente associada à dedicação de soldados que se mantêm firmes e não desistem na batalha. Eles vencem o medo e encaram as provações que são aterrorizantes somente para alcançarem o objetivo (BAILEY; CARR; BARROW, 2010, p. 7).



Assim, para auxiliar neste sentido a educação, a filosofia da sagacidade precisa das reflexões e discussões sobre os problemas relevantes na educação, isto é, a necessidade de fazer a educação tornar-se tanto ocidental quanto africana/afrodescendente, desenvolver criticamente as políticas educacionais, igualmente, refletir sobre os processos de tomada de decisão para educação de qualidade, de caráter e capacidade para a vida que a filosofia da educação procura desenvolver nos alunos. Estas reflexões podem auxiliar os professores que já agem com firmeza, a fim de cultivar a humanidade nos seus alunos. A *Sage Philosophy* oferecer meios lógicos para a reflexão crítica a respeito do bem-estar ou o florescimento humano, a respeito da ética que se observa na comunidade e como isso pode influenciar as pessoas, também, deve intensificar a questão sobre a forma pela qual a educação pode abordar o problema da identidade africana e o lugar de uma pessoa na sociedade (HAPANYENGWICHEMHURU, 2013, p. 50).

Uma pessoa que não atingiu um senso da moralidade, compreensão e responsabilidade para com as outras pessoas não satisfaz o mínimo nível da personalidade e status de uma pessoa educada. De outra forma, quando esse senso de moralidade, compreensão e responsabilidade é alcançado, mas limita-se a ser usado para uma certa raça, objetivando as outras por serem diferentes, isso também se enquadra na mesma condição de quem não satisfaz o mínimo nível da personalidade e status de uma pessoa educada, ou seja, seu comportamento desqualifica sua educação. É importante saber que na filosofia africana da educação aprendemos por meio do discurso altamente moral dos sábios, que possuem como finalidade cultivar a integridade, franqueza, compreensão e responsabilidade na aceitação do outro e enxergá-lo como sua própria imagem. É isso que influencia no respeito de um ao outro dentro da comunidade (WAGHID, 2004, p. 59).

Na comunidade tradicional africana, a educação tem procurado incutir disposições, determinações, capacidades e hábitos necessários nas crianças mediante as exposições tradicionais orais da comunidade. Um acervo filosófico e educacional se encontra reunido nas tradições orais e nos costumes do povo africano e afrodescendente. Um fato fundamental da reflexão e da prática da educação tradicional na África é empenhar-se no ensino da tradição às crianças, igualmente, auxiliá-las na aprendizagem do uso da linguagem de maneira criativa e eficaz. Esta aprendizagem, em essência, é tida como aspecto principal da educação, igualmente, os seus valores e crenças são conduzidos de geração a geração, assim, preservamos crenças, ações e códigos de



comportamento. Qualquer pessoa que cresce nesse contexto é respeitável, honesta, habilidosa, corporativa, de acordo com a ordem social da comunidade (HIGGS, 2003, p. 5).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia africana é uma busca sistemática da verdade e do significado decorrente da experiência e realidade africana. E a vertente aqui discutida (filosofia da sagacidade) recomenda identificar homens e mulheres sábios nas comunidades negras que se destacaram em sabedoria e pensamento independente, em outras palavras, aqueles que têm conhecimento genuíno, pois entre muitas contribuições esses sábios pensam sobre a configuração da comunidade. Assim, suas contribuições na arena filosófica não tornam a filosofia menos rigorosa ou científica, simplesmente particularizam ou localizam a filosofia.

De fato, existem pensadores na África que são racionais em seus pensamentos e capazes de fazer questionamento crítico e dialético, mesmo que não saibam ler. Eles, portanto, fazem exposição genuína da filosofia. Suas opiniões podem ser escritas por meio do envolvimento com filósofos profissionais. Também percebemos que desde o início da história da humanidade os negros se dedicaram na educação de seus filhos usando as experiências das pessoas sábias de pensamento crítico e racional. Assim, ausência da escrita não é uma indicação da ausência de educação.

De outra forma, a filosofia da sagacidade pode ser um dos instrumentos de resistência na afirmação do ensino da cultura africana e afrodescendente nas escolas, promovendo o desenvolvimento e aprofundamento de um conjunto de ações educacionais e de ensino no interior das escolas, contribuindo, assim, para um ambiente menos hostil ao ensino sobre África, Cultura Negra e História do Negro no Brasil. Como se pode observar, as muitas tentativas a sua efetivação, inclusiva da Lei 10.639/03, que não logrou sucesso porque o modelo de ensino-aprendizagem da educação brasileira segue baseado na classificação racial que vê a experiência e a cultura da população negra fora do contexto epistemológico hegemônico.



## REFERÊNCIAS

- AGADA, Ada. The future question in African philosophy. *Atuolu Omalu: Some unanswered questions in contemporary African philosophy*, p. 241-267, 2015.
- AJARI, Norman et al. Nascido do desastre. Crítica da etnofilosofia, pensamento social e africanidade. *Interpretações da Acta Universitatis Carolinae*, c. 5, não. 1, pág. 115-129, 2015.
- BAILEY, Richard; CARR, David; BARROW, Robin. *The Sage handbook of philosophy of education. The SAGE Handbook of Philosophy of Education*, p. 1-570, 2010.
- BRASIL. Lei 10.639. de 9 de janeiro de 2003. O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=10/01/2003> acesso em 08 ago. 2023.
- BURGOS, Bartolomé. *Filosofia africana. Blog Acadêmico. Madrid: África Fundación Sur*, 2016.
- CAIMI, Mario. El concepto de sagacidad: su función en el método de la filosofía. *Estudios de Filosofía*, n. 48, p. 85-98, 2013.
- CASTIANO, José P. *Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjectivação. Lda, Maputo: Sociedade Editora Ndjira*, 2010.
- DE ARANZADI, Isabela. Africanidad e identidades afroamericanas en un doble viaje en el Atlántico. *Tránsitos materiales e inmateriales entre África, Latinoamérica y El Caribe*, p. 57, 2018.
- DE OLIVEIRA, Gerson Alves. Uma educação para as relações étnico-raciais na escola: limites, possibilidades e desafios. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 15, n. Edição Especial, p. 174-194, 2023.
- DE OLIVEIRA, Julvan Moreira; DO NASCIMENTO, Sergio Luis. A construção do legado: a negação de uma epistemologia filosófica africana. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 8, n. 19, p. 177-194, 2016.
- HALLEN, Barry. *Contemporary anglophone African philosophy: A survey. A companion to African philosophy*, p. 99-148, 2005. In: WIREDU, Kwasi. *A companion to African philosophy*. New Jersey: Blackwell Publishing, 2004.
- HAPANYENGWI-CHEMHURU, Oswell. Odera Oruka's Four Trends in African Philosophy and their Implications for Education in Africa. *Thought and Practice*, v. 5, n. 2, p. 39-55, 2013.
- HIGGS, Philip. African philosophy and the transformation of educational discourse in South Africa. *Journal of Education*, v. 30, n. 1, p. 5-22, 2003.
- IRABOR, Benson Peter; ANDREW, Abhulime. Henry Odera Oruka's "Trends in African Philosophy" and the Question of Originality: An Eclectic Proposal. *Nasara Journal of Philosophy*, p. 97-119, 2020.
- JAJA, Jones M. Myths in African Concept of Reality. *International Journal of Educational Administration and Policy Studies*, v. 6, n. 2, p. 9-14, 2014.
- KALUMBA, Kibujjo. O essencial sobre a filosofia dos sábios africanos. *Prometeus: Filosofia em Revista*, n. 39, 2022.

KALUMBA, Kibujjo M. Sage Philosophy: Its Metodology, Results, Significance and Future. In: WIREDU, Kwasi (ed.). A companion to African Philosophy. Malden, Oxord, Victoria: Blackwell, 2004.

KPANAKE, Lonzozou. Cultural concepts of the person and mental health in Africa. Transcultural psychiatry, v. 55, n. 2, p. 198-218, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1995.

MKHWANAZI, Esn. Introduction to African philosophy – Only study guide for PLS 1502, 2019. Disponível em: <https://www.studocu.com/en-za/document/university-of-south-africa/introduction-to-african-philosophy/pls1502-study-guide-2023/49255560> Acesso em 02 de jul. 2023.

ORUKA, H. Odera. Practical philosophy: In search of an ethical minimum. East African Publishers, 1997.

ORUKA, H. Odera. Sage philosophy: Indigenous thinkers and modern debate on African philosophy. Brill, 1990.

ORUKA, H. Odera. African philosophy: A brief personal history and current debate. In: African Philosophy. Dordrecht: Springer Netherlands, 1987.

RAMOSE, Mogobe B. In search of an African philosophy of education: perspectives on higher education. South African Journal of Higher Education, v. 18, n. 3, p. 138-160, 2004.

SARAGIH, Erikson. Implication of philosophy in modern education. In: Proceeding Book International Seminar on Education, 2012. p. 1-13.

WAGHID, Yusef. African philosophy of education: Implications for teaching and learning: perspectives on higher education. South African Journal of Higher Education, v. 18, n. 3, p. 56-64, 2004.

*Recebido em 15 de agosto de 2023*

*Aprovado em 17 de novembro de 2023*